

# ***Retrato do artista quando só***

## ***Willy Corrêa de Oliveira***

se diz compositor. Escreveu uns escritos que não têm interessado a ninguém.  
Trabalhou por muitos anos como professor de composição na ECA-USP.

Já há quase um ano que trabalho com The Lillie Library, Rare Book Room da UKL University, na coleção Paul Kretzski. A coleção Paul Kretzski compreende toda a obra do compositor, abarcando desde a última peça, a "ÓPERA ECOLOGICA APOCALYPTICA", até uma "Valse" escrita aos sete anos, já com o célebre desenho da capa que representa um gato e um rato próximos a um sarçal. Incluem-se também cerca de 3.000 cartas, fotografias, canetas diversas, um pente, discos, cassetes, vídeos, um sabonete do Sheraton Bahamas, e escritos diversos. Os livros se encontram em estantes numeradas. Todo o conjunto, com cerca de 5.000 itens, está acondicionado em *containers* e 17 caixas de madeira.

Além do livro que estou concluindo sobre o compositor naturalizado norte-americano de origem tcheca, e o catálogo sistemático de suas obras, tenho os manuscritos de naturezas diversas dispostos para publicações avulsas. Foi o caso com os DIÁRIOS DE GUERRA publicados recentemente, e é o caso também da correspondência trocada entre Paul Kretzski e o crítico do New York Times, Gideon Goldstein que publicamos hoje.

Este trabalho que apresentamos aos leitores reveste-se de especial interesse por motivo da tão esperada edição da "Estórias das Histórias das Músicas" de Gideon Goldstein pela Harp & Brown de New York (U\$ 78.15 hard cover e U\$ 57.75 paper-back, que pode ser encomendado à Librium Importadora S.A., rua do Livramento, 113, centro). O autor do "Stories of the Musics Histories" que comemorou recentemente seus 85 anos foi entrevistado por nós com vistas à publicação desta correspondência que ora oferecemos aos leitores.

O trágico passamento do compositor, que bloqueou a cornucópia de obras-mestras às quais estávamos todos afeitos, tem tido uma mínima contrapartida com as revelações de trabalhos inéditos que temos projetado para publicações. É o mínimo consolo para o prolongamento de nosso vivo contato com a obra imorredoura do grande músico.

### As cartas<sup>1</sup>

A primeira carta de Gideon Goldstein para Kretszki, a que deu origem a esta correspondência, não foi encontrada até o momento. A resposta de Kretszki que reproduzimos foi feita a partir de cópia não datada, em papel Linho-Dartmond G.B., do arquivo que o compositor mantinha para as cartas de próprio punho que eram catalogadas por destinatários e por assuntos, em partes separadas.

Mr. Gideon Goldstein  
New York News, Inc.  
274, Madson Avenue  
New York 16, N.Y.

Prezado Sr.,

Recebi vossa carta de 5 p.p. com o regozijo de um estrangeiro que, em um país distante escutasse – como uma epifania – uma voz amiga a chamá-lo pelo nome. Ah!, prezado Goldstein, a quem, hoje, a gente se confiaria por inteiro, como a um igual? Neste sentido, como invejo não haver sido um próximo de Thomas Mann, de Adorno, de Arnold Schönberg... Homens prontos, talhados, que elaboraram todas as possibilidades para o diálogo. Mas eis que vossa carta me traz alento novo, embebido de aurora, umedecido pelos primeiros orvalhos da manhã. Sinto que ao escrever ao Sr., faço como se estendesse a mão a um amigo novo mas definitivo, e não simplesmente para responder às questões propostas pelo Sr. com respeito ao livro que tenciona escrever. Não procedo a respostas separadas, como são as perguntas, mas fundidas num todo, como um bloco único:

Estou convicto, Sr. Goldstein, de que o bem supremo do artista contemporâneo finca raízes em sua própria arte; é aí que ele dispõe de tempo e espaço suficientes, em uma palavra: de liberdade. Nunca, em tempo algum, o artista dispôs de tanta liberdade quanto o presente oferece a ele (em nosso velho mundo de Deus). A verdadeira capacidade de se dedicar àquilo que a cada momento resolve fazer. O quão medieval não nos soa

<sup>1</sup> Traduções diretas do inglês, pelo autor deste artigo.

hoje o pontapé no traseiro que Mozart levou de Colloredo? [sic]<sup>2</sup> Ou observar por uma janela entreaberta o alfaiate da corte de Esterházy a cortar os panos para uma libré que deveria vestir o laçao Haydn? Ou ler com lágrimas a embaciar as letras escritas por Bach, aquelas cartas de humilimos pedidos aos ministros luteranos? Ou as desculpas por falta de tempo para cumprir os tantos encargos que o autor da "Paixão segundo São Matheus" tinha que suportar?

Hoje, podemos invocar o testemunho de Stravinski, que houve por bem o debruçar-se durante nove meses sobre sua Sonata para Violino! Quando, em épocas anteriores, poderia um artista se fixar em tais prazos? O tempo de gestação necessário à obra e não a desconsideração que a pressa de um patrãozinho feudal exigia de seu músico. A liberdade desfrutada pelo artista contemporâneo me parece ser uma das mais altas conquistas do homem moderno. Hoje só atendemos aos caprichos ditados por nossa própria consciência. Nossos trabalhos têm origem direta em nossos conhecimentos, em nossa sinceridade. A sinceridade como insofismável árbitro e não o despótico patrão ou mesmo a ignorância das massas, ou o duvidoso gosto dos arrivistas. É a sinceridade, Dr. Goldstein, em uma palavra: é a nossa personalidade que jogamos por inteiro em nossas obras. E quantas angústias não custou ao artista a procura de si mesmo? Quanto caminho de pó e pedras não teve que trilhar para ir ao encontro de sua originalidade? Pode o público que frui o seu artista ter uma ideia (mesmo pálida?) do que significam as pedras no caminho dos poetas? E quantos calos temos que sofrer até que estejamos prontos para nos atirarmos por inteiro em nossas fantasias?

[Escrevo agora entre colchetes este parêntese que peço não inclua no livro. O Sr., que penetrou tão inteiramente a minha MAQUINAÇÕES MATINAIS, pode avaliar o quanto me custou, mesmo materialmente – digo: em energia consumida – a estrutura pivotada dos níveis de variáveis decorrentes das cadeias marcovianas que estabeleci no plano-piloto para esta obra? E que o terceto para flautim e *ophicleides* alto e baixo (do compasso 323 até a anacruse do compasso 355) é o resultado da estrutura pivotada em grades sobre o acorde de TRISTÃO em sua transconversão no acorde-tipo WEBERNIANO? E o público,

<sup>2</sup> Na realidade, o pontapé no traseiro recebido por Mozart foi desferido pelo Conde Arco, Maître des cuisines arquiépiscopais de Colloredo, no dia 8 de junho de 1781. No dia 13 de junho, Mozart volta a falar do assunto em carta escrita ao pai: "Ele (o Conde) me empurra para a porta e me dá um pontapé no traseiro. – E, então!, isto significa em alemão que Salzburg não existe mais para mim; até mesmo para oferecer ao Sr. Conde um pontapé no cu (literalmente no original) quando ele passasse o pé por uma rua". [In: Mozart Briffen. ZURKAMPFVERLAG – München, 1975, à página 774].

Dr. Goldstein, apalermado, aplaude ou vaia, mas não se dá conta de nada. Hoje já nem bem apupa, nem bem aplaude, mas continua não se dando conta de nada! Uma catástrofe. Só a noção de futuro é que nos salva em nossas horas no horto. Como um dos poucos eleitos viventes neste vale de lágrimas, Dr. Goldstein, o Sr. decerto me compreende!

Termino esta, pedindo desculpas pelo derramamento neste colchete, mas seguro de que o Sr. não permitirá que estas lamentações toldem as páginas do vosso livro. Por favor! E é ainda antes de fechar o colchete que o abraço mui respeitosamente e me desculpo pelas lamúrias finais].

Com admiração,

Paul Kretszki

\* \* \*

Mr. Paul Kretszki  
8624 Hollywood Drive,  
Hollywood, 46, Califórnia

Hollywood, 5 de agos<sup>3</sup>

Caro Sr. Kretszki,

Só hoje, finalmente, escrevo para agradecer a sua inestimável contribuição para o meu livro que me chegou às mãos tão prontamente. E, no entanto, os meus agradecimentos tardaram a alcançá-lo, não é? É que eu não pretendia simplesmente escrever umas cordiais palavras de agradecimento, mas sim uma carta que fizesse eco à sua e que prolongasse nossa amizade epistolar, mesmo a despeito do pouco tempo que disponho para assuntos privados. O tom emocional de sua carta, assim como o modo caloroso como se dirigiu a mim me moveram a colocar algumas questões que merecem consideração. Mas espero, sinceramente, que o conteúdo desta carta fique entre nós e as dobras do envelope.

Em nossa profissão, caro Kretszki, cada um em sua especialidade (o Sr. como compositor, eu como crítico) bem sabemos que clamamos n'um deserto, ou na melhor das hipóteses, armamos solilóquios uns poucos com os raros outros, ou nos esforçamos para justificarmos nossos salários a qualquer custo. Da minha parte estou seguro de que a minha coluna no jornal não tem nenhuma importância, embora a empresa conte com altos gastos em sua contabilidade porque, em um capitalismo moderno e ativo, questões culturais diversas são parte da imagem dos negócios. A velha estória de que nem só de

<sup>3</sup> Há um rasgão na borda do papel que interrompe a leitura da data.

pão, etc, etc. O Sr. há de convir que nossas atividades se inscrevem no quadro periférico de um dos subsistemas de um SISTEMA maior. É apenas uma questão de estatística, caro Sr. Kretszki, e um pouco de estatística mostra com clareza que o nosso produto não tem o mesmo vigor no mercado que apresentam os cosméticos, a indústria de tecidos, a canção de sucesso, a novela de TV.

Não lhe parece ao Sr., que a liberdade do artista contemporâneo resulta diretamente do divórcio entre o artista e o público? De que é daí que o artista pode ser "ele mesmo" em toda sua inteireza simplesmente porque ele não tem para quem ser de outro modo? Um divorciado que tenta se satisfazer sozinho? E continuando com a metáfora, é evidente que um divorciado goza de mais liberdade... Mas há também o fato de que o produto que ele lança no mercado não tem a aceitação que ele acredita merecer. Ele pode se dar ao luxo de produzir o produto que quiser, no tempo que bem entender como necessário.

Me permita outra metáfora, caro Sr. Kretszki, porque hoje me sinto eufórico e metafórico por me dirigir com tal franqueza a um colega de *métier*<sup>4</sup> e não a um pobre *amateur*<sup>5</sup> qualquer. Compositores contemporâneos sempre me dão a impressão de alguém que escreve cartas íntimas para desconhecidos e que, sem colocar endereço nos envelopes, estão sempre queixosos de que as cartas não chegam aos destinatários. Não querem compromissos com ninguém: querem liberdade, mas querem que tenham compromissos para com eles. Falo de tudo isso de modo geral, de artistas em geral, e não de compositores em particular. Estamos todos na mesmíssima barca: "navegar é preciso..." (este verso é de um poeta português que nos entendia muito bem).

O Sr. menciona em sua carta o Stravinski da Sonata para violino, e aí temos o exemplo fascinante de um compositor do século XX tão acariciado pela mídia (do mundo inteiro), e cuja Sonata para violino que demandou "9 meses de gestação" é desconhecida até mesmo de nós, profissionais... É isso, caro Kretszki: ele operou no âmbito restritíssimo de um dos sub-sistemas do SISTEMA maior, como já escrevi algumas linhas atrás. Não lhe parece bem definido que a música erudita não tem função social imediata no campo do SISTEMA? Por outro ângulo, veja o caso de compositores como Bach, Haydn, Beethoven, para mencionar alguns citados pelo Sr., veja quantas sonatas para violino produziram no mesmo espaço de tempo da Sonata de Stravinski? Nem por isso seriam sonatas para violino menos boas! Este estado de coisas relaciona-se também com o fato de que os compositores contemporâneos não vivem dos proventos de suas composições contemporâneas. Geralmente, como outros elementos da classe média, eles são

<sup>4</sup> Em francês, no original.

<sup>5</sup> Em francês, no original.

executivos, professores, engenheiros, médicos... que compõem. Cada um pode inventar sua própria língua, língua desconhecida, porque no fundo ele não fala com ninguém. É o estado das coisas, Kretszki. Não chega ao público. O sub-sistema é que se desincumbe da viabilização destas atividades desertadas nas quais os artistas é que são ativos e não suas artes. É impressionante o estado das coisas. Um público irá se interessar por uma arte que não se interessa por ele?

Upa!, como já vai longa esta carta!

Antes de concluí-la ainda quero abordar a questão da sinceridade do artista. Questão que está sempre a reclamar uma reflexão. A propósito, traduzo para o Sr. algumas linhas de um escritor do Brasil cujos livros aprecio muito. Não sei se o Sr. sabe que eu tive uns parentes que emigraram para o Brasil em 38 ou 39, e lá passei algumas férias e cheguei a aprender um pouco da língua. "A tal da sinceridade que você invoca é o seu maior perigo. E que sinceridade se você não é você! A sua sinceridade é a sua espontaneidade. E a sua espontaneidade são dez milhões de anos de crimes humanos, dois mil anos de traição ao Cristo, duzentos anos de burguesia capitalista, vinte e alguns anos de filhinho de papai, quinze anos de aluno de escolas e professores que ensinam de acordo com tudo isso".<sup>6</sup> Com que precisão ele relaciona SINCERIDADE e ESPONTANEIDADE! E com que clareza transparece o significado de espontaneidade...

Bem, caro Sr. Kretszki, se bem que os entretecimentos dos temas desta carta têm origem em seu escrito para o meu livro, tenho certeza de que o amigo não pensará que se trata de uma crítica dirigida a si. É muito mais um "exercício" de um homem que completou 50 anos de profissão... Esteja certo de que tudo que está dito aqui é dito de mim mesmo para mim mesmo. Afinal de contas, o Sr. conhece alguns de meus escritos (tanto de História quanto as coletâneas do "News"), não é verdade? E seria menos verdade com relação a meus colegas cujos nomes também estão escritos nas lombadas dos volumes das prateleiras das bibliotecas? E vem um dia em que a gente diz coisas íntimas que a gente não escreve para os leitores. É isto. Ou talvez mesmo mais. Portanto aceite esta carta como correspondência aos seus protestos de amizade que, ressoando em mim, deixaram-me aberto para esta intimidade.

A propósito, pode me chamar de Giddy, que é como sou conhecido desde criança entre os familiares e por alguns amigos mais chegados.

Seu, verdadeiramente,

G.

<sup>6</sup> Parece-nos tratar-se de Mário de Andrade, mas não localizamos a citação, precisamente.

P.S. Quanto à sua contribuição, quero deixar claro que aparecerá sem comentários no livro, como todos os outros testemunhos. No livro não haverá nem a mais remota menção aos problemas aludidos nesta carta. Será um livro como qualquer outro, ou pelo menos, como os outros que já escrevi. E haveria de ser de outro modo? Mesmo se um dia eu viesse a tornar pública as discussões desta nossa correspondência, Kretszki, ninguém haveria de dar crédito. Ou fingiriam não dar. No máximo, simplesmente me rotulariam de louco ou gagá e se afastariam, silenciosos. Estou, como se diz, no mercado, e ganho a vida escrevendo outras coisas...

\* \* \*

Três meses após, Gideon Goldstein recebe notícias de Paul Kretszki:

Mr. Gideon Goldstein  
New York News, Inc.  
274, Madson Avenue  
New York 16, N.Y.

S.D.

Prezado Sr.,

Acuso o recebimento de vossa carta e espero, dentro de breve tempo, o aparecimento de um momento oportuno para respondê-la. No presente, pressionado por compromissos inadiáveis, não me sinto em condições de me dirigir, como convém, a V. Sa.

Atenciosamente,  
Prof. Dr. Paul Kretszki

\* \* \*

Quatro anos após, Gideon Goldstein é informado sobre a morte trágica de Paul Kretszki, ocorrida em 2 de novembro de 1990.